

***Leite Derramado* e a percepção anacrônica de um narrador entre dois tempos / *Leite Derramado* and the anachronistic perception of one narrator between two times**

letrônica

Thiago Lopes Schiffner*

Resumo: Nesse trabalho, propomos uma interpretação crítica do livro *Leite Derramado*, de Chico Buarque. O objetivo é analisar a reconstrução memorialística e a percepção anacrônica que *Eulálio* – personagem central da narrativa – tem sobre a sua situação econômica e sobre a trajetória de sua família. Percebemos que as modificações sociais e históricas – sofridas pelo Brasil entre 1907 e 2007 – não alteram o olhar hereditariamente retrasado e centenário do narrador. Assim, ele se mantém alheio às alterações sociais e incompreende a relação que elas conservam com a sua decadência financeira. Por isso, buscamos evidenciar as raízes dessa percepção imprecisa e as consequências da incompatibilidade entre ela e a realidade histórico-social do Brasil contemporâneo.

Palavras-chave: Leite Derramado; alterações sociais; decadência financeira.

Abstract: In this paper, we propose a critical interpretation of the book *Leite Derramado*, by Chico Buarque. The objective is to analyze the memorial reconstruction and the anachronistic perception that Eulalio - the central character of the narrative - has on its economic situation and on the history of his family. We realize that the social and historical changes - suffered by Brazil between 1907 and 2007 - do not alter the hereditarily delayed and centenary look of the narrator. Thus, he remains oblivious to social changes and does not understand the relationship they retain with its financial decline. Therefore, we seek to highlight the roots of this inaccurate perception and the consequences of the incompatibility between it and the social-historical reality of contemporary Brazil.

Keywords: Leite Derramado; social changes; financial decline.

Num quarto de hospital, um paciente rememora cenas de sua infância vividas na fazenda de sua ilustre família. Com cem anos de vida, ele – Eulálio Montenegro Assumpção – foi resgatado após ter fraturado uma das pernas numa queda. A aparência é de um galanteador senhor de posses que tenta conquistar as enfermeiras oferecendo casamento e vida próspera. Contudo, quando enuncia o dote, as suas riquezas afiguram-se como relicários e quinquilharias quase sem valor financeiro. Assim, o lucro do matrimônio – “os rendados, os cristais, uma baixela, as joias antigas e o nome da família” (BUARQUE, 2009, p. 9) – dificilmente convenceria uma cuidadora interesseira. Diante dessas cenas, já é possível

* Mestrando em Literatura Brasileira pelo PPGL-UFRGS. Bolsista CAPES. Integrante do grupo de pesquisa: *Literatura e nacional-desenvolvimentismo: promessas de integração social e tensão formal na literatura*.

perceber incompatibilidades entre os valores sociais do paciente e os do mundo empírico. Uma vez que várias dessas incongruências permeiam o romance de Chico Buarque, é significativo estudá-las para se construir um entendimento pleno de *Leite Derramado*. Para tanto, analisam-se dois pontos nos quais podem estar as bases do antagonismo entre a percepção de Eulálio e a realidade. O primeiro é a decadência social e econômica pela qual passa o personagem-narrador, e o segundo – consequência do anterior – é a sua condição de internalização memorialística. Por isso, a fim de se desenvolver esses motes de maneira satisfatória, é necessário recompor a trajetória dos antepassados e adentrar as memórias do narrador.

1 TER E NÃO TER: A TRAJETÓRIA DECADENTE DOS ASSUMPÇÃO

O percurso pelo passado inicia-se com o trisavô do narrador¹. Tendo vindo com a Corte Real portuguesa, ele é conselheiro da Rainha Maria I, a louca, e desembarca na Colônia, em 1808. Com a chegada desse ascendente, a transferência dos Assumpção para o solo brasileiro acontece concomitantemente à transposição do eixo da administração colonial. O que já demonstra uma tendência na trajetória dessa família: certo entrelaçamento entre a vida privada dos Assumpção e eventos históricos do Brasil. Ainda, esse ancestral detém certa estabilidade econômica e relativa importância social por ser alto funcionário da Corte.

No mínimo dezoito anos depois, entre 1822 e 1831, outro antepassado é descrito como cidadão de valores. “Feito barão por Dom Pedro I” (BUARQUE, 2009, p. 94), o bisavô de Eulálio é o primeiro Assumpção a dedicar-se de maneira mais evidente ao cultivo de produtos agrícolas em terras brasileiras. Além de fazendeiro, atua no tráfico de escravos, “[pagando] altos tributos à Coroa pelo comércio de mão-de-obra de Moçambique” (Ibid., p. 94). Assim, mesmo com os impostos, consolida a permanência dos Assumpção novo País e adquire reconhecimento social ao constituir importante vida econômica.

O filho desse homem do campo herda os bens do pai e já nasce “muito rico” (Ibid., p. 66). Tal qual o patriarca, o avô do paciente centenário é um importante ruralista e faz fortuna ao manter a propriedade da *raiz da serra* e ao tornar-se proprietário de “cacauais na Bahia” e

¹ Como se tratará da derrocada de Eulálio e de sua família, inicia-se pelo primeiro representante dela no Brasil, onde se dá o enriquecimento dos Assumpção. Por isso, alguns personagens mais remotos serão menos mencionados, mas não esquecidos nesse estudo.

de “cafezais em São Paulo” (Ibid., p. 22). Além disso, tem prestígio público por ser político influente do Segundo Reinado, “comensal de D. Pedro II” (Ibid., p. 65) e incansável frequentador do paço Real. No entanto, a sua postura política é disparatada, pois é “abolicionista radical” e defende “mandar todos os pretos brasileiros de volta para a África” (Ibidem), embora possua escravos e seja estadista importante do período imperial. Esse posicionamento racista com roupagem abolicionista é sintomático das contradições desse governante, o qual simultaneamente “locupleta-se” com os benefícios do Império e defende a extinção de uma das bases do sistema. Dentro dessa sociedade patriarcal, essa inconstância ideológica explicita a presença de “sentimentos próprios à comunidade doméstica, naturalmente particularista e anti-política, uma invasão do público pelo privado, do Estado pela família” (HOLANDA, 1979, p. 82). Em outro exemplo dessa confusão entre sentimento pessoal e atuação diretiva, o avô de Eulálio exila-se em Londres após ser acusado de enriquecimento “com dinheiro público” (BUARQUE, 2009, p. 66).

Concomitante às descobertas de corrupção e ao exílio do patriarca, acontecem alterações sociais no Brasil que reorganizam a sociedade e demandam ajustamento da posição política dos Assumpção. A mais significativa é justamente o banimento do sistema escravista, já que “a partir dessa data [1888] tinham cessado de funcionamento alguns freios tradicionais contra o advento de um novo estado de coisas, que só então se faz inevitável. [...] A abolição representa, em realidade, um marco entre duas épocas” (HOLANDA, 1979, p. 172). Sérgio Buarque de Holanda afirma ainda que “os velhos proprietários rurais tornados impotentes pelo golpe fatal da Abolição e por outros fatores, não tinham como intervir nas novas instituições” (ibid. p. 176). O crescimento da lavoura de café e o incremento das ligações entre o campo e a urbe agravam a situação dos anosos donos de terra. Cria-se uma “dependência entre as áreas rurais e as cidades” e, por conseguinte, o centro de poder desloca-se das amplas fazendas para as metrópoles (Ibid., 175). Em decorrência dessas mudanças, há o enfraquecimento do governo imperial e a instauração da República, cujo comando é exercido por uma plutocracia, que não constitui patriciado e desconhece o antigo poder dos velhos proprietários rurais (RIBEIRO, 1975, p. 131). Em meio e devido à extinção das sustentações sociais do Império, descobrem-se os desvios financeiros do avô, e o filho – pai do narrador – assume a condição de patriarca e o controle das finanças.

Os Assumpção ruralistas são precedidos, então, por um político cidadão, seguindo a dinâmica pública do tempo. Assim, a família muda-se da raiz da serra para a residência em Botafogo, sob a autoridade de Eulálio Ribas Assumpção. Rico e “republicano de primeira

hora”, Ribas elege-se Senador; torna-se “íntimo de presidentes” e amplia a riqueza da família ao servir-se da crescente aproximação do Brasil com o mercado externo (BUARQUE, 2009, p. 66). Dessa maneira, adquire o monopólio do porto de Manaus; intermedeia comércio de café na Inglaterra e negocia “com armeiros da França, amigos graúdos em Paris” (Ibidem). Entretanto, o seu zelo não se restringe aos negócios e à família e, às escondidas, preserva confraternizações com amantes nas supostas reuniões com governantes da República Velha. Por isso, possivelmente após ter sido descoberto por algum esposo enganado, é assassinado com seis tiros numa “garçonnière”, em 1924. Embora não esteja marcado no texto de Chico, o ano da morte desse patriarca é imprescindível para o entendimento da armação narrativa e pode ser definido pela idade do narrador. Eulálio nasce em 1907 e tem 17 anos quando o pai morre. Assim, determina-se 1924 com uma simples soma do ano e da idade. Pontuar essa data é importante, porque – tal qual se pode notar – existem inúmeros imbricamentos entre a vida sócio-política do Brasil e a trajetória dos Assumpção. O que não parece dessemelhante no episódio do falecimento do Senador.

Como se expôs, um processo crescente de urbanização ocorre no final do século XIX, devido às alterações sociais no contexto nacional. Concomitante a esse desenvolvimento, acontece um aumento expressivo da população, a qual salta de “quatro milhões no momento da Independência (1822) [...] para quatorze milhões quando se proclama a república” (RIBEIRO, 1975, p. 125). Esse crescimento intensifica-se nas primeiras décadas da República e “alcança 33 milhões em 1930” (Ibidem), superpovoando mormente as cidades. A explosão demográfica citadina é, então, consequência de duas dinâmicas sociais: de um lado, o “conforto da nova vida urbana” é um atrativo para as classes dominantes e, do outro, “as oportunidades de trabalho livre e assalariado” são almejadas pelas camadas humildes (Ibidem). Dessa maneira, surge uma massa popular urbana sem meios de reivindicação de seus direitos que “adere às aspirações dos setores da classe média, apoiando movimentos que se propunham estruturar um regime republicano verdadeiramente democrático” (Ibidem). O movimento mais significativo dessa união é desencadeado exatamente em 1924, quando um grupo de militares abdica dos quartéis-generais para combaterem nas veredas do País. O levante é intitulado de a Coluna Prestes e – embora lute “tão somente por um poder tradicional melhor” – é nele que “amadurece a consciência do atraso nacional” e que “começa a ser posta em causa a legitimidade da ordenação oligárquico-patriarcal” (Ibidem). Conquanto essas tensões não estejam diretamente ligadas à morte do Senador, elas reeditam o esquema de estruturação de *Leite Derramado*. No romance, há uma superposição histórica que se

confunde com a trajetória dos personagens, pairando-lhe por vezes, e tangenciando-lhe em outras ocasiões. De tal sorte, mudanças no âmbito político-social do Brasil coincidem com alterações na vida pública e privada dos Assumpção. Desse modo, o ano de 1924 assinala o início da contestação e o prenúncio da decadência da ordem oligárquico-patriarcal, da qual Eulálio Ribas Assumpção era representante. A confluência entre os fatos aponta para uma espécie de morte física e política, com cuja perspectiva o narrador parece corroborar. Nesse sentido, ele trata da finitude do pai como algo inevitável, porque, mesmo que o avisasse da cilada...

E ainda que me escutasse, talvez seguisse igualmente para a emboscada. Porque talvez tivesse a intuição de que em breve os tempos seriam outros, e meu pai jamais se prestaria a permanecer num tempo que não era o seu. Sua fortuna no estrangeiro estava para evaporar, e não consigo imaginá-lo sem suas viagens anuais à Europa, seu camarote, seus hotéis, restaurantes e mulheres de primeira classe. Na política, a civilidade daria lugar ao cabotinismo e ao espalhafato, e tampouco vejo meu pai pedindo votos em praça pública, subindo em palanques, apertando a mão de populares, sorrindo para fotografias com a roupa suja de gordura (BUARQUE, 2009, p. 156).

Pelas palavras do narrador, Ribas afigurava-se pressentir as instabilidades sociais e as consequências pessoais que delas ensejariam, tendo início uma das mais importantes no ano de seu falecimento. E essas tensões culminam posteriormente na revolução de 30, na qual “os gaúchos [...] jogaram nossas tradições no lixo”, conforme Eulálio Montenegro Assumpção (Ibid., p. 93).

Tal qual se pode acompanhar até esse ponto, o sobrenome Assumpção ilustra-se socialmente pela riqueza, sobretudo, constituída em solo brasileiro e pelo protagonismo político no decurso formativo do País. Esquemáticamente, o que se demonstrou até agora poderia ser descrito da seguinte maneira: Vinda da família Real – trisavô: conselheiro; Primeiro Reinado – bisavô: Barão; Segundo Reinado – avô: político influente; República Velha – pai: Senador. Logo, depreende-se do argumentado e do esquema que a hereditariedade dos Eulálios é assentada na manutenção de curvas ascensionais, seja no aspecto do enriquecimento financeiro, seja no da participação estatal. No entanto, esse prestígio na sociedade rui exatamente durante os cem anos de idade do paciente.

Não só o correr do tempo e as rápidas alterações ideológicas e de modos de governo, mas também a falta de ingerência pública de Eulálio aceleram a redução do reconhecimento social. Esses fatos ficam evidentes, quando ele se lembra das ruas e das localidades denominadas com o nome do...

Pai, Eulálio Ribas d'Assumpção, como aquela rua atrás da estação do metrô. Se bem que durante dois anos ele foi uma praça arborizada no centro da cidade, depois os liberais tomaram o poder e trocaram seu nome pelo de um caudilho gaúcho. [...] Tempos mais tarde um prefeito esclarecido reabilitou meu pai, dando seu nome a um túnel. Mas vieram os militares e destituíram papai pela segunda vez, rebatizaram o túnel com o nome de um tenente que perdeu a perna. Enfim, com o advento da democracia, um vereador ecologista não sei por que cargas-d'água conferiu a meu pai aquela rua sem saída. (Ibidem)

Essa passagem de nome de *praça arborizada* a *rua sem saída* quantifica bem o decréscimo da importância nacional dos Assumpção após a morte de Ribas. Aprofundando a análise do texto, nota-se que essa desvalorização social é consequência da confluência entre: a) morte do patriarca e b) modificações na sociedade e na política ocorridas no Brasil do século XX.

Não é casual, desse modo, que a curva descensional se inicie por Eulálio Montenegro Assumpção. Devido às ausências e a morte precoce do pai, ele não tem educação herdada ou formal para assumir os bens da família, como era de costume. Contudo, é compelido pelas circunstâncias a fazê-lo e passa a gerir as finanças e os negócios, mesmo despreparado. De tal sorte, tenta continuar representando a “Le Creusot & Cie.”, mas a fábrica de armas suspende as remessas no fim de 1928. Depois de algumas tentativas de contato com a matriz, Eulálio viaja para a França no intuito de solucionar o problema e é recebido, com espanto, em Bordeaux. Chegam a lhe perguntar se as notícias do mundo não circulam na América do Sul, visto que não sabia da crise econômica americana e da quebra da bolsa de Nova York. Decide ir a Londres, e, lá, as informações adquirem contornos ainda piores ao lhe falarem das “calamidades financeiras” e das “milhões de libras esterlinas fulminadas da noite para o dia. [...] Era o caso do espólio dos Assumpção, desafortunadamente aplicado no mercado de ações norte-americano” (BUARQUE, 2009, p. 73). Então, reconhece tardiamente a grande crise que ataca como praga o alicerce da sociedade Brasil e parte considerável das economias da família: o café. Despercebido dessa conjuntura social, ele e seus parentes são alvos fáceis dessa conturbada situação econômica. O que especifica a falta de aptidão do herdeiro para administrar os negócios e para contornar os problemas históricos que lhe acometeram. Nesse sentido, Eulálio parece evidenciar a...

(...) crise de adaptação dos indivíduos ao mecanismo social [capitalista, que pressupõe] o decisivo triunfo de certas virtudes *antifamiliares* por excelência, como o são, sem dúvida, aquelas que repousam no espírito de iniciativa pessoal e na concorrência entre os cidadãos (HOLANDA, 1979, p. 144)

Devido à falta de habilidade e à incapacidade para a sociedade competitiva, esse personagem não encontra meios práticos de solucionar os problemas financeiros. Pelo contrário, quando se cientifica dos prejuízos econômicos da família paterna, pensa na herança da mãe, que...

(...) só em pastagens os Montenegro possuíam metade do estado de Minas Gerais. E certo que a prole era grande, mamãe tinha cerca de vinte irmãos, mas uma única fazenda de gado leiteiro me bastaria para tocar a vida, ainda que eu vivesse cem anos (BUARQUE, 2009, p. 73).

No trecho, fica evidente a dificuldade de Eulálio antever resoluções para a crise que extrapolem o âmbito familiar. Diante dessa situação embaraçosa, não consegue se libertar dos “velhos laços caseiros” e reporta-se aos vínculos “de sangue e de coração” (HOLANDA, 1979, p. 146) e às finanças da outra linhagem com a finalidade de transmitir segurança a si mesmo. Devido a essa falta de adaptação às incipientes tensões sociais – ocasionada pela ausência de uma instrução que estendesse o ponto de vista para além das relações privadas e cordiais – Eulálio é o primeiro Assumpção criado no Brasil a não ter uma trajetória de fazendeiro e/ou de comerciante. Em contrapartida, também não se afigura a função empregatícia e a atividade do pequeno comercial como possibilidades de reconversão social para o herdeiro do mundo aristocrático. O traço da exploração está marcado no verso do trabalho, o qual é representado pelo negro espoliado (Balbino). Por isso, à contemplação dos parentes de classe, o exercício profissional seria o sinal incontestável da degradação econômica; não sendo, pois, hipótese de solução do dilema financeiro do rico decadente.

Eulálio Montenegro Assumpção contrapõe-se aos seus antigos parentes também por ter se afastado da vida estatal do País. Observou-se anteriormente que os Assumpção têm uma atuação evidente na esfera pública até a década de 20, acomodando-se aos contornos que ela assume. Outra vez, o marco dessa ausência é a prematura morte do pai, visto que, com ela, o filho não é introduzido no círculo dos governantes próximos ao patriarca, o que lhe dificulta avocar o lugar vago. Além disso, a conjuntura política recrudescer nos anos posteriores ao assassinato e a Revolução de 30 torna-se um relativo obstáculo para a retomada do espaço deixado por Ribas. O governo de coalizão dos políticos e dos militares sulinos desembaraça-se “do velho patriciado de políticos profissionais, através dos quais a dominação era exercida” e chamam “novos grupos à dirigência administrativa” (RIBEIRO, 1975, p. 126). Por isso, o narrador condena o movimento que colocou as suas tradições entre dejetos do tempo.

Não é a Revolução, no entanto, que impossibilita a carreira pública de Eulálio. Seu próprio sogro desmente a pretensa renovação ocorrida com o levante de 30 ao manter-se no palácio da Guanabara, após a agitação e a reformulação do governo. Além disso, o deputado federal convida-lhe para integrar seu gabinete, mas ele nega-se. A renúncia ocorre devido à solicitação de sua mãe, a qual alega ser uma afronta à memória do Senador aceitar o convite de um adversário político. O pai de Matilde é considerado um traidor, porque se bandeou para o lado da oposição, o que o genro, “alheio aos noticiários”, desconhece (BUARQUE, 2009, p. 87). Contudo, ele não recusa a proposta por razões ideológicas, e sim devido à replica da mãe: “quatro contos, e de abono um Ford usado” (Ibidem). Então, fazendo um mau negócio, abandona o possível caminho da política de vez. Novamente, percebe-se a carência de autonomia de Eulálio diante de momentos que necessitariam uma postura antifamiliar. Desse modo, desiste e resolve os problemas de novo dentro do âmbito doméstico, mesmo tendo uma oportunidade de se inserir na nova-velha ordem. Nesse sentido, o marido de Matilde é o oposto do que aduz Joaquim Nabuco como perfil de governante: “em nossa política e em nossa sociedade [...], são os órfãos, os abandonados, que vencem a luta, sobem e governam” (Ibid., p. 144). Ao contrário do dito e sem orientação para o universo prático dos negócios e para o exercício do poder diretivo, o personagem central de *Leite Derramado* isola-se no círculo das relações parentais. E, em decorrência da incapacidade desse patriarca, gesta-se algo novo no decurso dos Assumpção: uma oposição entre a família e o Estado². Desse modo – como se verá – os fatos mais significativos para Eulálio ocorrem dentro do seu grupo familiar, e eventos históricos sucedem-se e são-lhe irrelevantes. Um exemplo é o período da ditadura militar, no qual tem o apartamento invadido por soldados que buscam o seu neto, cuja posição é contrária ao regime. Nesse episódio, arrisca-se a usar a velha frase do “sabe com quem você estava falando?” e não compreende o porquê de chamarem o filho de sua filha, de Pablo, pseudônimo do jovem guerrilheiro. Devido a esse desinteresse e a essa falta de percepção do cotidiano atual, ele reanima o mundo dos antepassados e distancia-se da realidade em ruína. Porém, antes de se passar à discussão da internalização memorialística – sintoma da derrocada do paciente – mapear-se-á a decadência social no romance por meio das mudanças de moradia e das perdas de patrimônio.

² É interessante notar que a oposição entre a família e o Estado – enunciada por Sergio Buarque de Holanda n’ *O homem cordial* e que descreveria uma sociedade madura e imparcial – dá-se com os Assumpção, porque deixam de fazer parte do Estado. Dessa forma, o que parece ocorrer não é a criação de um Estado forte e independente, mas antes uma alteração do grupo controlador do País, o qual diverge e não considera o derrotado anteriormente.

2 VENDAS, PERDAS E MUDANÇAS...

A primeira propriedade perdida por Eulálio é a da raiz da serra, logo aquela que conservava as memórias mais remotas, dos tempos da infância e das brincadeiras com Balbino. Tal qual se verá, os prejuízos do personagem também são estruturados com linearidade cronológica: primeiro perde a fazenda do avô, depois a casa do pai e, por fim, o seu chalé em Copacabana, para se mencionar somente os imóveis do período de riquezas. De tal sorte, a ambição nacional de desenvolvimento industrial e rodoviário na década de 40 carrega consigo a fazenda da raiz da serra, a qual é desapropriada para a construção de uma estrada em 1947 (ano do Plano SALTE, de Eurico Gaspar Dutra). Rodovia, indústrias e casebres são construídos onde existiam as marcas do passado glorificante do avô *abolicionista*. Aliás, já há sinais da presença de empresas naquela região, quando ele e a filha levam Amerigo Palumba para conhecer o bem da família e deparam-se “com a lufada de odor sulfuroso [...] proveniente dos lados da fábrica de celulose” (BUARQUE, 2009, p. 95). Com isso, a tradição ruralista dos Assumpção sucumbe ao desenvolvimento urbano, que alcança as zonas remotas do estado do Rio de Janeiro. Com a desapropriação da propriedade da infância, Eulálio perde o quinhão de terra e adquire o direito de ser indenizado, o que nunca ocorrerá. A falta de articulação política o deixa inerte diante do procedimento do governo, pois não tem a quem pedir ajuda. Então, recorre à justiça e aos advogados contratados por Palumba, nos quais deposita suas esperanças, mas que não solucionam o imbróglio.

A segunda perda acontece ainda no final da década de 40, e o imóvel do qual se negocia a posse é o casarão de Botafogo. Quem intermedeia a venda é o genro de Eulálio, pois – ao contrário dele – possui “tino comercial” (BUARQUE, 2009, p. 95). Além disso, o italiano mantinha um interesse especial pelas propriedades dos Assumpção, mesmo antes de se cogitar a comercialização do sobrado. Desse modo, “era evidente aonde Palumba queria chegar, quando se detinha a observar o chalé [...] [e] perguntava pela metragem do terreno” (BUARQUE, 2009, p. 96). Outra postura tácita é a de impassibilidade do sogro à vista dos intuitos do genro; o que explicita novamente a sua incapacidade de controlar seus prejuízos e gerir seus negócios, os quais delega a um comerciante claramente ambicioso e astuto. Desse modo, duas possíveis interpretações para a sua pretensa consciência e inércia perante a

ambição inescrupulosa de Palumba são: A) Eulálio não percebe as reais intenções do genro e não quer transparecer que foi enganado, ou B) Afigura-se dos objetivos de Palumba e não toma nenhuma atitude, porque não sabe como solucionar os prejuízos, nem como agir com o esperto comerciante. O traço comum entre as duas alternativas, então, é a falta de destreza do narrador para a vida prática, o que ocasiona o engano ou a inação. Por fim, Amerigo Palumba vende o imóvel e desaparece com o dinheiro, deixando-os sem outra propriedade e com as mesmas dificuldades.

Com as dívidas aumentando e no afã de sustentar o padrão econômico, Eulálio cede aos desígnios da filha e aliena o chalé de Copacabana com pesar. “Maria Eulália, ao seu lado, não se pejava de desdenhar a casa onde nasceu e foi criada, [aquela] ridícula arquitetura suíça num país tropical” (Ibidem). Dessa maneira, extingue-se o elo físico entre o passado aristocrático e a atual condição do herdeiro, sendo signficante notar que o prédio de amarração entre os dois mundos já é considerado obsoleto nos anos 50. O chalé de “arquitetura suíça” coexiste aos edifícios e arranha-céus erguidos no bairro e deles destoa. O que evidencia de novo a modernização pela qual passa o Brasil e, nesse caso, o Rio de Janeiro nesse período. Essa convivência de parâmetros temporalmente distantes é a própria temática do livro: um homem fora do seu tempo – como se fosse o prédio de arquitetura anacrônica – que é, pouco a pouco, suplantado pela inaptidão e inconformidade com um novo contexto. Com o valor do imóvel, Eulálio, sua filha e seu neto mudam-se para um apartamento num prédio nos fundos da antiga residência.

A nova troca de moradia acontece na metade da década de 50 e ocorre após Maria conhecer Xerxes, um jogador do Fluminense. Ela decide desfazer-se da residência de Copacabana para ficar mais perto do estádio Maracanã, local de serviço do companheiro. Assim, adquire dois apartamentos na Tijuca que – além de próximos ao estádio – são mais receptivos aos gritos e às confusões entre o genro e a filha. Eulálio, por sua vez, acata as decisões e assiste a tudo sem intervir. Em outras cenas e aqui especialmente, percebe-se que há um antagonismo entre o pai e a filha, como se um personagem fosse o inverso do outro. Enquanto o patriarca se caracteriza pela inércia, pelo anacronismo e deixa-se levar pelas circunstâncias, Maria Eulália é controladora e impulsiva, o que a assemelha às inconstâncias da sua época. Dessa maneira, a passividade de Eulálio e a desmedida de Eulália (opostos até no nome) corroboram para aumentar a derrocada e a distância entre eles e o grupo social do qual faziam parte. Nesse sentido, a migração de Copacabana para Tijuca demonstra geograficamente a decadência da família, o que se especificará mais adiante.

No início dos anos 70, após ter se separado de Xerxes, Maria Eulália investe parte de suas economias na realização de um espetáculo teatral a ser encenado no Chile, o qual é irrompido com truculência pelos militares do Golpe de Estado do Chile (1975). Ela, então, perde o seu imóvel por causa de dívidas e transfere-se com o filho para o apartamento do pai.

Por fim, no começo do século XXI, a filha – a qual já tinha vendido até o jazigo de sua mãe – concede os direitos da propriedade da Tijuca ao seu bisneto. Ele, por sua vez, dá a moradia como caução de um empréstimo e desaparece sem pagar. Por causa disso, o pai velho e a velha filha passam a morar de favor num subúrbio da região metropolitana do Rio de Janeiro. O ciclo de derrocada fecha-se e, pela ironia do destino, Eulálio reconhece – na periferia em que foi morar – o terreno e o riacho da sua fazenda desapropriada.

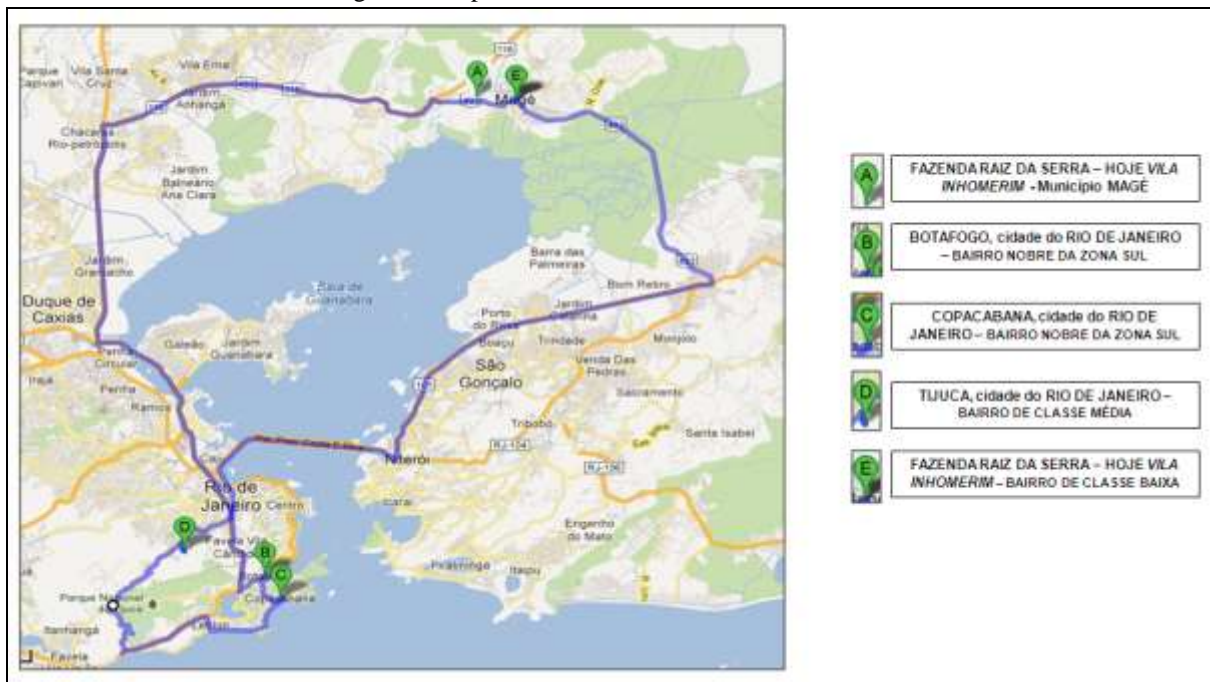
Com as perdas e as mudanças descritas, pode-se sintetizar e mapear a decadência da família. Dessa forma, a desapropriação sem prévia indenização (1947) e a passagem do casarão para o chalé (fim da década de 40) marcam as primeiras perdas do decréscimo econômico. Embora o intuito da comercialização do imóvel de Botafogo fosse a obtenção de lucros, esse objetivo não se concretiza, pois o investidor-genro-marido desaparece com o dinheiro. Porém, Eulálio e seus parentes mantêm a aparência social e continuam vivendo em um lugar nobre do Rio de Janeiro, mesmo com os infortúnios comerciais e num pequeno apartamento em Copacabana (metade da década de 50). O que não acontece quando há a troca de bairro (metade da década 50). Com esse fato, cria-se uma distância física e possessória entre os antigos vizinhos e os novos tijuquenses. Nesse sentido, a migração de Copacabana para Tijuca demonstra geograficamente a decadência do grupo familiar. De tal sorte, saem de um bairro de classe alta de costumes rígidos e migram para um de classe-média com hábitos mais espontâneos e conflitantes com a formação das elites. Devido a essa incompatibilidade, Eulálio passa a esconder-se dos conhecidos do bairro do chalé:

À noitinha eu regressava por caminhos mal-iluminados, onde não corria perigo de topar com algum conhecido. Em Copacabana já me torciam o nariz, por dar guarida a um jogador de futebol meio caboclo, ademais eu recebia seguidas queixas do condomínio contra gritarias noturnas no meu apartamento (BUARQUE, 2009, p. 166).

A oposição entre o idoso e os hábitos do bairro de classe-média não é tão expressiva, quanto será quando se transferir para o subúrbio. Com a saída da Zona-Norte para *raiz da serra*, o idoso e sua filha fazem o percurso que constitui a queda da classe média à classe pobre. O que acentua a incongruência entre o morador e a localidade, pois está no mesmo

patamar econômico da vizinhança, mas coloca-se culturalmente acima deles: “vesti o roupão de veludo e saí ao quintal para fumar meu El Rey del Mundo, que era charuto à altura de um Château Margaux” (Ibid., p. 204). Dessa forma, as mudanças de imóveis e a derrocada são reproduzíveis, como na carta cartográfica abaixo:

Figura 1: Mapa das localidades de *Leite Derramado*



Nessa representação, o caminho circular dos Assumpção evidencia-se pela linha escurecida, a qual pode descrever³ exatamente um contorno arredondado: de saída e volta à fazenda. O formato exposto planifica e reitera o de *Leite Derramado*, que é constituído de diferentes volteios, como o são os percursos biográficos de certos personagens. No que tange a essa relação, o tataraneto e o bisavô são traficantes de drogas e de escravos, respectivamente; o bisneto e o pai são mulherengos e mortos com seis tiros; e o neto e o trisavô lutam contra ditaduras, dos militares no Brasil e de Robespierre na França. No entanto, a forma do romance não é a de um círculo fechado; mas de um espiral descendente, pois as voltas da narrativa clarificam o decaimento social e as perdas financeiras dos sucessores de Eulálio. De tal sorte, o trajeto da família é de retorno e assemelha-se ao da fazenda da *raiz da*

³ Relativiza-se o arredondamento do mapa, porque a viagem de ida e de volta à fazenda *raiz da serra* pode ser feita pela *Pte. Pres. Costa e Silva*, o que retiraria o aspecto esférico da parte superior do mapa. Desse modo, decidimos voltar pela *BR 101* e *BR 040* para tornar melhor a visibilidade do trajeto dos Assumpção. No entanto, tanto a primeira direção quanto a segunda espelhariam o mesmo retorno cíclico, visto que o condutor do carro não poderia retornar pela mesma via do percurso inicial, sob pena de ficar na contramão.

serra: altera-se devido à dinâmica social de momentos históricos distintos, mas conserva traços que explicitam o seu passado ilustre e a sua condição decadente. Enquanto a residência desapropriada tem a sua história apagada pela edificação de fábricas e pelas moradias de trabalhadores pobres, os donos vagam pela cidade deixando rastros de sua decadência. Assim, esses dois caminhos refletidos demonstram o acometimento e a condição desfavorável do antigo mundo rural diante das alterações sociais e das decisões políticas tomadas no urbano.

Além de explicitar certa armação do romance, esse mapa expõe minuciosamente o decurso da derrocada econômica. O caminho completo inicia-se com a venda e a saída do casarão (casa do pai) e termina com o retorno à velha propriedade (casa do avô). Juntamente às perdas e às comercializações dos imóveis, as distâncias dos deslocamentos dos Assumpção pontuam a medida do rebaixamento social, como na tabela abaixo:

Tabela 1

TRAJETO	QUILOMETRAGEM	QUEDA SOCIAL	SITUAÇÃO SOCIAL DO LUGAR	PERÍODO DE MUDANÇA
BOTAFOGO – COPACABANA ⁴	≈ 3 km	PEQUENA	CLASSE ALTA	Metade da década de 50
COPACABANA – TIJUCA	≈ 13 km	MÉDIA	CLASSE MÉDIA	Metade da década de 50
TIJUCA – RAIZ DA SERRA	≈ 60 km	ACENTUADA	CLASSE BAIXA	2007

Com o cotejamento das informações do quadro, afigura-se que Eulálio e seus familiares passam por uma marginalização em sentido econômico e geográfico, a qual é constituída por graus de empobrecimento e de escamoteamento social. Nesse sentido, o aumento das quilometragens de Botafogo acompanha simetricamente o declínio da família: quanto mais longe do mundo citadino e enriquecido do patriarca – o qual se moderniza nos anos 50 – mais próximo do rural e empobrecido do avô – o qual parece esquecido nos anos 00. Em outras palavras, o alargamento de espaço entre o casarão e as outras localidades corrobora a desigualdade social tematizada no romance, e percebe-se a relação proporcional que há entre a intensificação do afastamento e a decaimento social. Essas distâncias explicitam também a condição e os hábitos sociais dos moradores e de cada cercania por que passa Eulálio, assim a classe rica fica tão longe financeira e territorialmente da pobre, que o

⁴ Essa tabela não descreve o trajeto de *raiz da serra* a Botafogo, porque nessa mudança não há queda social. Dessa maneira, a família deixa um lugar enriquecido (a fazenda do avô) para residir em outro de igual aspecto (a casa do pai).

contato entre elas – por meio dele – cria incongruências risíveis. Com isso, as perdas (3 imóveis), as vendas (3 imóveis) e as mudanças (6 residências em 4 lugares) descrevem os degraus sociais da trajetória econômica escalonada do personagem central e de seus herdeiros, o que reitera o velho adágio que diz “pai rico, filho nobre, neto pobre” (BUARQUE, 2009, p. 50).

3 INTERNALIZAÇÃO MEMORIALÍSTICA: O INDIVÍDUO ESTÁTICO NUMA SOCIEDADE DINÂMICA

Diante da inabilidade para as alterações contextuais do Brasil pós-crise de 29, o narrador de *Leite Derramado* interioriza-se e, por consequência, ameniza os contornos do passado próximo e do presente de privações. Nesse sentido a crise social é minimizada e dá lugar a tensão gestada no interior da família: o que fez Matilde sumir? Esse processo de ensimesmamento pressupõe uma desconsideração do narrador para com as modificações históricas desencadeadoras de sua derrocada. Por isso, mantém a percepção do tempo remoto e próspero sem relativizar as distâncias entre a realidade dos antecessores e a sua e de seus sucessores.

Como Leyla Perrone-Moisés e Roberto Schwarz apontam, Matilde é o centro das memórias e torna-se um enigma, o qual Eulálio procura solucionar durante grande parte dos seus cem anos. Ao desaparecer sem motivos e sem deixar pistas evidentes de seu paradeiro, ela se transfigura num problema real, solucionável apenas por meio das cenas guardadas e reconstituídas pelo narrador. Dessa maneira, ele passa a examinar cada um desses vestígios e indícios a fim de antever uma possível traição, uma doença mental ou física que arrazoassem o sumiço – dando preferência pela primeira, bem ao gosto patriarcal. Nesse sentido, a pergunta não é tanto onde estará Matilde?, mas, principalmente, qual a razão do seu desaparecimento?. Assim, o marido rodopia em torno dessa indagação intrincada e do delineamento do perfil da esposa, o que evidencia a sua incompreensão de quem ela seja. Esse desconcerto explicita-se pelas caracterizações exteriores, indiciais e ambíguas, as quais mencionam o “olhar em pingue e pongue”, a cor do vestido, o “sorriso contido”, entre outras feições (Ibid. p. 40). Esses traços imprecisos transferem o esforço de resolução do mistério ao leitor, o qual nunca divisará o motivo do desaparecimento ou uma definição plena da

personalidade feminina. Criada pela memória e pelo desentendimento de um cônjuge possessivo, essa mulher é indecifrável, e seus traços constitutivos em pedaços ressignificam-se a cada nova apreciação e leitura, tal qual outra importante personagem da Literatura Brasileira...

Essa ideia fixa na qual se tornou Matilde converte-se, então, numa forma de escapismo. Incorporando o detetive, Eulálio ocupa-se das provas e dos sinais de infidelidade e afasta-se das responsabilidades e dos problemas econômicos e familiares, os quais são assumidos pela sua mãe e, depois, pela sua filha. De tal forma, reconstitui o enterro do pai em diversas ocasiões, mas não descreve os lamentos da cerimônia, nem faz reflexão sobre as dificuldades ensejadas pela morte, em nenhuma delas. Pelo contrário, o centro da cena é já a enigmática integrante do coral da igreja e relembra os detalhes do andar da menina, as vestes dela e a sua descompostura ao vê-la. Esses recordos encorpam a imagem da esposa e intensificam as principais suspeitas do narrador. Depois das lembranças desse primeiro encontro, o narrador concentra-se nas que antecedem ao desaparecimento e recompõe os pretensos olhares e gestos de Matilde e de um médico francês, os quais prenunciariam a traição. No entanto, esses e outros episódios que permeiam o livro não trazem as soluções para os enigmas, como em livros policiais. De maneira inversa, os episódios lembrados ampliam as dúvidas, e a crise matrimonial perdura. A esposa permanece incompreendida e, quando Eulálio recebe uma carta com a possível explicação do que ocorreu com a mulher, ele simplesmente cerra a carta numa gaveta. Possivelmente não abre a correspondência, porque se o fizesse “iria saber que mal o médico viu nela que na intimidade nunca vi[u]” (BUARQUE, 2009, p. 217). Nesse instante, as dúvidas findariam e os gestos do passado poderiam perder o sentido que lhes imputa. A busca e as dúvidas cessariam com a resolução, e os pensamentos estariam desembaraçados daquelas tensões matrimoniais para se darem conta – talvez – da condição econômica desastrosa e da derrocada da família. A pressão interna do passado extinguir-se-ia e a externa do presente suplantá-la-ia, e não existiriam certamente tantos motivos para o retorno às lembranças sem os gestos ambíguos e investigáveis da esposa. Parece, então, que por não haver soluções para os dramas da realidade, não pode haver para os da imaginação, e a carta aberta traria justamente o desequilíbrio entre essas instâncias e uma nova orientação para o relato. Nesse sentido, a dúvida apaga os eventos difíceis e dá uma

razão para continuar a narrar e a existir⁵. Por isso, Matilde é centenária como seu marido e tem centralidade no que ele narra, realizando o que diz: “gostaria [...] que Matilde me sobrevivesse, e não o contrário.” (BUARQUE, 2009, p. 69).

O passado sobrepuja o presente também, quando Eulálio percebe seus antepassados e seus descendentes. Desse modo, o narrador descreve sucessores como se possuíssem percursos de vida análogos aos dos antecessores. Por isso, o tataraneto traficante de drogas é descrito com um comerciante bem sucedido, a exemplo do que é o político da República Velha. Contudo, esses espelhamentos empreendidos pelo narrador são diferentes dos reais, constituídos por uma espécie de narrador do narrador, estrutura entre ele e autor⁶. Nesse âmbito, os reflexos são instituídos com o intuito de explicitar a conjuntura decadente da família. Assim, a estrutura narrativa sobre Eulálio aponta para um declínio financeiro, em que o ilegal traficante de drogas reverbera a figura do legitimado traficante de escravos, mas o paciente não enuncia assim. Nem um pouco ingênuo, ele percebe que há desvios de caráter nos parentes, mas os disfarça. Apenas quando a narrativa adquire um ar confessional – nas conversas com a enfermeira escrevente, por exemplo – deixa transparecer a desconfiança ou o conhecimento de algo: “Sou muito grato ao garotão [tataraneto], mas para ganhar milhões sem instrução alguma, deve ser artista de cinema ou coisa pior, pode escrever aí” (Ibid., p. 94). O objetivo da ocultação dos traços suspeitos e da ficcionalização do perfil dos parentes parece ser o de se distanciar simbolicamente dos companheiros de quarto do hospital público. Enfatiza os momentos áureos dos seus avôs e mascara a origem e o rumo dos sucessores para engrandecer-se diante daqueles habitantes da “senzala”, como diz. Ao invés de considerar as alterações históricas que relativizaram a legitimidade e a distinção de seus antepassados e que diminuíram os seus herdeiros, o narrador concede-lhes protagonismo. Destarte, são retirados dos papéis coadjuvantes ou antagonísticos e supervalorizados no seu relato perante aqueles *outros*. Sobre isso, Roberto Schwarz diz haver “dissonância entre a autoimagem e a imagem que a história fixaria deles [os parentes de Eulálio] em seguida [...], [a qual] impregna a narrativa de comicidade politicamente incorreta do começo ao fim” (SCHWARZ, 2009, s/p.).

⁵ Como Eulálio diz: “Muitas vezes de fato já invoquei a morte, mas no momento mesmo que vejo de perto, confio em que ela mantenha suspensa a sua foice, enquanto eu não der por encerrada o relato da minha existência (BUARQUE, 2009, p. 212)”.

⁶ Roberto Schwarz trata desse “narrador atrás do narrador” quando analisa as *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Ele aponta que atrás do narrador volúvel há outro o qual é consciente dos seus objetivos e “interessado [nas] conseqüências” dos seus empreendimentos narrativos (SCHWARZ, 2000, p. 83). Ainda, segundo ele, essa estrutura está distanciada e tem uma visão da totalidade do processo de criação (ibidem), tal qual parece acontecer em *Leite Derramado*. Dessa maneira, nas costas do narrador de percepção anacrônica e parcial, há outro narrador que coloca em evidência as incongruências do modo de pensar do dono das memórias, tendo a mesma contemplação totalizante da armação daquele outro romance.

Esse politicamente incorreto parece ser gestado justamente do embate: passado heroicizado/elevado VS realidade modificada/decadente.

Diante do debatido nesse tópico e nos outros, afigura-se um esquema dialético de atualidade e de tempo remoto sintetizado no personagem central e, por consequência, na estrutura de *Leite Derramado*. Dessa maneira, os capítulos são armados normalmente de uma mesma maneira: iniciam com alguma consideração do narrador sobre as condições do hospital ou com visões sobre o futuro pós-hospital; mas essas impressões e anseios são substituídos, paulatinamente, pelo passado. Depois de imerso nele, dificilmente, o narrador retorna das lembranças e certos capítulos terminam no antigamente. Nessas partes, o tom do relato lembra um diálogo/monólogo – nos termos de J. H. Dacanal⁷ – e o personagem fala, por vezes, literalmente com o teto. A interiorização do narrador concretiza-se na construção literária, e o entorno degradante é suprimido. E essa oposição fica clara pelas alterações entre o andamento temporal do indivíduo-narrador, amplo e subjetivo, e o do hospital, o qual marca os horários dos medicamentos cronometricamente. Essas sucessões perduram até Eulálio perecer ao acúmulo da idade e perder-se nas reminiscências do enterro do seu tataravô. Nesse instante, ele se fecha no passado e morre para o presente.

CONCLUSÃO

Como se pôde acompanhar durante o texto, o paciente centenário é o cerne da passagem da pujança à derrocada e o ponto de confluência de várias alterações sociais e familiares. Desse modo, a morte prematura do pai (1924); a crise econômica (1929); a queda das bases sociais que equilibram o regime oligárquico-patriarcal (1930) e a incompatibilidade desses e de outros fatos com a sua educação pautada nas relações sociais de âmbito familiar fazem com que permaneça comprimido entre o que era e o que é. Assim, as perdas e vendas iniciam-se e levam os imóveis dos antepassados, explicitando a derrocada que atravessa. Além disso, a migração pela cidade do Rio de Janeiro começa em um bairro nobre da década

⁷ J. H. Dacanal trata desse tipo de esquema narrativo ao analisar o romance *Sargento Getúlio*, de João Ubaldo Ribeiro, em *A nova narrativa épica*. Por questões de espaço, não foi possível estender infelizmente com mais afinco as considerações e o método do crítico gaúcho – que desmembra as formas de narrar do romance de Ubaldo - a *Leite Derramado*. O que traria luz certamente a inúmeras potencialidades do texto de Chico, o qual tem semelhanças notáveis com *Sargento Getúlio*. Assim, no nível temático e sem forçar a argumentação, pode-se dizer que Eulálio é *Um aristocrata sem mundo*, assim como o sargento é *O sargento sem mundo*.

de 50 e acaba em 2007 num subúrbio da região metropolitana, evidenciando a sua nova condição econômica. No entanto, mesmo com essas marcas do declínio, Eulálio mantém a perspectiva glorificante e bem sucedida de tempos remotos. De tal modo, reescreve a trajetória dos antecessores dando relevo aos seus feitos e escrever a dos sucessores, quase sempre, obscurecendo alguns detalhes. Em frente às marcas que não consegue (re)compor, coloca o retrato enigmático da sua *Lindónea desaparecida*. E, com essa visão irredutível, continua contando a sua história a quem quiser ouvir por meio das letras de uma enfermeira...

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Homero Vizeu. A volubilidade derivada da cordialidade: um encontro entre Sérgio Buarque, Antonio Candido e Roberto Schwarz. In: **Machado de Assis e arredores**. Porto Alegre: Movimento, 2011, p. 52 - 63.

BUARQUE, Chico. **Leite derramado**. Portugal: Dom Quixote, 2009, 234 p.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2004. 660 p.

DACANAL, José Hildebrando. O sargento sem mundo. In: **Nova narrativa épica no Brasil**. Porto Alegre: Sulina/SEC, 1973, p.125-142.

FREITAS, Décio. **O escravismo brasileiro**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982, 152 p.

GOOGLE MAPS, <http://maps.google.com.br/>. Acesso em 08/06/2012.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979, 154 p.

LEÃO, Nara. Lindonéia: In: **Tropicália ou panis et circencis**. São Paulo: Universal, 1 CD (38'45"), 1997.

MORETTI, Franco. **Atlas do romance europeu – 1800-1900**. São Paulo: Boitempo, 2003, 215 p.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **O Leite Derramado de Matilde**. Disponível em <http://www2.uol.com.br/tropico/>. Acesso em 25/05/2012.

RIBEIRO, Darcy. **Teoria do Brasil: os brasileiros**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975, 200 p.

SCHWARZ, Roberto. **Brincalhão, mas não ingênuo**. Disponível em: www.chicobuarque.com.br/critica/crit_leite_fsp_schwarz. Acesso em 26/05/2012.

_____. Cetim laranja sobre fundo escuro. In: **Martinha versus Lucrecia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, 320 p.

_____. **Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis**. São Paulo: Ed. 34, 2000. 251 p.

Recebido em setembro de 2012.

Aceito em dezembro de 2012.